

TRABALHANDO COM QUEM EDUCA: UMA EXPERIÊNCIA

WORKING WITH WHO TEACHES: AN EXPERIENCE

Lenita Faissal¹

RESUMO: Este artigo é o resultado de uma experiência de formação continuada dos professores de língua estrangeira desenvolvida em um curso de idiomas, durante o período de maio de 1998 a dezembro de 2002, na cidade de João Pessoa. Teve por objetivo apresentar não só nossa trajetória como assessora psicopedagógica, mas, sobretudo, o caminho das aprendizagens vivenciadas nessa convivência. Este caminho nos apontou diferentes direções, sobretudo em função da diversidade de formação dos professores de língua estrangeira, que na sua maioria não possuía um curso de licenciatura. Além disso, as aprendizagens que íamos construindo ao longo da nossa trilha nos sugeriam, a todo momento, que nossas conquistas individuais, se refletiam no trabalho coletivo e vice-versa. Na perspectiva da construção coletiva de um trabalho educacional que não apenas informe sobre os conteúdos relacionados aos idiomas estrangeiros, mas que também forme cidadãos para um mundo melhor, evidenciamos a importância de uma formação contínua para os professores de línguas estrangeiras.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Formação de Educadores, Relações interpessoais

ABSTRACT: This article is the result of a continued formation experience of foreign language teachers, during the period from May 1998 to december 2002, in the city of João Pessoa. It goal is to present not only our path as pedagogical mentorship, but the learning path occurred during the interaction.

KEYWORDS: Education, teacher's education, interpersonal relationships

INTRODUÇÃO

Desde que o fazer pedagógico assumiu um lugar de análise e avaliação mais frequente e mais significativo para os resultados do processo de aprendizagem, há uma preocupação

¹ Psicóloga pela PUC/RJ, Psicopedagoga, Especialista em Psicologia Escolar pelo UNIPE/PB, Mestre em Educação pela UFPB

constante para sua melhoria por parte de todos aqueles envolvidos nos processos pedagógicos das instituições de ensino.

No Brasil, em 2014, o Censo Escolar já apresentava um quadro onde 24%, dos 2,2 milhões de docentes que atuavam no país, não apresentava a formação adequada para sua prática e muitos eram considerados despreparados para enfrentar os desafios impostos constantemente pelas transformações políticas, econômicas e sociais na contemporaneidade. 2

O saber-fazer do professor sempre despertou a atenção e o interesse dos estudiosos que focam seus trabalhos na educação, sob diferentes perspectivas. Aqui, vamos ressaltar aqueles teóricos que nos embasamos para a experiência de formação aqui relatada.

Perrenoud (2000), tomando como guia um referencial de competências, adotado em Genebra em 1996, para a formação contínua dos professores, enfatizou aquelas que são necessárias, em um mundo em mudança, para o ofício do professor, ressaltando que esse conjunto de competências pode remeter às práticas tanto conservadoras quanto renovadoras. Apontou também para a necessidade de relacionar cada competência a um conjunto de problemas e tarefas do processo de aprendizagem, bem como inventariar os saberes e técnicas impostos por cada uma delas.

As transformações que serviram de base para que Perrenoud (2000) elaborasse um grupo de 10 competências, impõem um caráter não definitivo e não exaustivo a cada uma delas, e sinteticamente podemos assim apresentá-las:

1 – *Organizar e dirigir situações de aprendizagem* - se nos preocupamos com uma escola mais eficaz, um aprendizagem significativa para todos e um trabalho pedagógico que supere a visão de que todos aprendem da mesma forma e ao mesmo tempo, estamos diante de uma situação que nos exige a necessária criação de outras situações de aprendizagem, de outras didáticas pautadas, sobretudo, na pesquisa e na ampliação das possibilidades de acesso ao saber. Respeitar as vivências e representações diferenciadas dos alunos diante dos conteúdos, das suas diferentes capacidades intelectuais, de atenção, de concentração, de interesse e da sua forma peculiar para se relacionar com os diferentes saberes, nos impõem a responsabilidade de organizar e orientar as situações de aprendizagem.

2 – *Administrar a progressão das aprendizagens* - a programação das aprendizagens humanas não pode estabelecer um padrão rígido e ser fixada, sobretudo quando focamos nossa

atenção na diversidade existente entre aqueles que aprendem e nas suas conquistas individuais. O planejamento pedagógico precisa levar em consideração não só as ações cotidianas, aquelas situações-problemas que o aluno deve resolver de acordo com suas possibilidades, mas, sobretudo, ter uma visão longitudinal da formação do educando, destacando que os objetivos a serem atingidos podem ter um caráter imediato ou uma perspectiva a longo prazo.

3 – *Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação* – A proposição de situações de aprendizagem adequadas, respeitando a diversidade tanto no desenvolvimento físico e psíquico quanto nas questões sócio culturais, não implica necessariamente em um atendimento individualizado.

4 – *Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho* – O aumento significativo do número de alunos nos bancos escolares ao longo da história da educação, vem revelando que a tarefa de manter o desejo e a vontade de saber e de acumular conhecimentos está mais voltada para uma atitude relacional entre professores, alunos e os conteúdos do que em um discurso motivacional.

5 – *Trabalhar em equipe* – como no item anterior, aqui também o incremento do número de alunos atendidos na escola e a divisão de tarefas com a inclusão de novos profissionais (psicólogo, orientador e coordenador pedagógico dentre outros), acarretou a necessidade de um trabalho em conjunto onde alunos, os profissionais ligados diretamente ao processo educacional e os pais vão dividir responsabilidades e compartilhar um trabalho cooperativo.

6 – *Participar da administração da escola* – o que se pretende com a ampliação da gestão escolar visando a participação de professores, técnicos, funcionários, pais e os próprios alunos é difundir a confiança, o respeito e, sobretudo, a autonomia e a cooperação.

7 – *Informar e envolver os pais* – essa é uma competência que vem sendo incorporada às atribuições dos professores a partir da obrigatoriedade da escola e do aumento do número de alunos nos bancos escolares. De fato, existe uma distância significativa entre a teoria sobre a necessidade da participação dos pais na educação escolar dos filhos e a prática onde a desconfiança, o preconceito e as críticas contínuas são presença constante no diálogo entre professores e pais. Romper as barreiras que possam possibilitar o entendimento do ponto de vista de cada um é tarefa necessária.

8 – *Utilizar novas tecnologias* – em contraposição a uma postura cética onde muitos professores se mantiveram alheios ao conhecimento e à utilização das novas tecnologias, muitos embarcaram nos apelos fanáticos de estratégias mercantis e no fanatismo tecnológico que

acreditava nessa via como a salvação da educação. Uma reflexão crítica sobre as novas tecnologias pode estabelecer seu uso como um dos instrumentos para a construção do conhecimento através das operações mentais.

9 – *Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão* – o retrato da sociedade moderna coloca em confronto permanente a tarefa educativa da escola e a realidade, não só aquela que aparece nos noticiários da TV, mas, sobretudo, aquela que vivenciamos cotidianamente recheada de violência, preconceitos e desigualdades. Assim, o dever de ensinar se balança numa corda de equilíbrio criando situações que facilitem a aprendizagem dos conteúdos e a formação de valores nos alunos.

10 – *Administrar sua própria formação contínua* – todas as competências anteriores permanecem ativas na medida que os professores as conservam na sua prática e através de uma permanente formação. As mudanças características dos ambientes escolares, lentas ou imediatas, dos alunos e pais, das funções, do comportamento, dos conteúdos, da metodologia, dos horários ou mesmo dos objetivos e as mudanças físicas, exigem novos olhares, novos conhecimentos e uma reflexão constante dos relacionamentos que aí se constroem.

Antoni Zabala (1998), nos mostra que a formação dos professores, precisa estar estreitamente relacionada à sua prática em sala de aula e nos lembra, que a maioria dos cursos de formação enfatiza mais o discurso teórico. Para o autor, a análise da realidade, e especificamente da realidade escolar, deve se afastar dos modelos simplificadores que estabelecem uma relação de causa-efeito, ligada aos referenciais positivistas, e se pautar numa perspectiva sistêmica e participativa, sobretudo porque, mesmo em condições semelhantes, as respostas que se apresentam nem sempre são as mesmas.

Para melhor compreender e avaliar a prática do professor, o autor nos contempla com um quadro onde o processo de ensinar e aprender se concentra em diferentes conteúdos. O autor afirma que o saber não se constrói apenas através do conhecimento que adquirimos dos fatos (conteúdos factuais), através de meras repetições verbais e onde a compreensão não necessariamente é fundamental posto que a exigência maior se concentra na capacidade de memorizar e reproduzir (ZABALA, A., 1998)

A apropriação do saber se apoia em uma aprendizagem de conceitos e princípios (conteúdos conceituais), onde ambos exigem um processo de compreensão, além de estarem relacionados às atividades e experiências que vivenciamos, provocando a elaboração e construção pessoal de cada conceito. Esta construção favorecerá não só a sua compreensão do

conceito, mas, sobretudo, permitirá que o sujeito o utilize para apropriação de outras informações, análise de situações e construção de outras muitas ideias.

Além de saber, Zabala (1998) nos apresenta a importância do saber fazer como parte da apropriação do conhecimento, o que ele denominou de conteúdos procedimentais. Esses conteúdos englobam um conjunto de ações dirigidas para um objetivo. Podem seguir um modelo ou exercícios práticos que vão dos mais simples aos mais complexos. São, segundo o autor, divididos em três eixos: os motores ou cognitivos, os que exigem poucas ações ou muitas ações e, por último o eixo definido por ações ordenadas sempre da mesma forma e ações que variam conforme a situação.

O processo de aprendizagem também precisa englobar os conteúdos atitudinais que agrupam os valores, as normas e as atitudes necessárias a uma vinculação afetiva com o que se aprende e com o como se aprende. Estão diretamente relacionados ao saber ser e supõe uma reflexão, a apropriação dos conteúdos e uma análise dos modelos que se apresentam.

A efetivação da aprendizagem dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, vai exigir metodologias e estratégias apropriadas para cada um deles, além disso, vai implicar em uma forma de ensinar que possibilite a necessária atenção aos diferentes ritmos e estilos de aprendizagem.

Zabala (1998) ainda nos propõe uma análise das relações que se estabelecem entre professores e alunos, mediadas pelos conteúdos de aprendizagem. Para o autor, as diferentes sequências didáticas desenvolvidas em sala de aula, possibilitam ao professor e ao aluno oportunidades comunicativas e participação na construção dos conceitos enfocados. Nesta interação permanente dos protagonistas da sala de aula evidenciam-se as diversidades dos alunos desafiando o professor na busca de novas estratégias que permitam a todos a apropriação do conhecimento.

Para César Coll (2006) cabe aos profissionais da educação se apropriarem dos princípios do construtivismo como uma base para refletirem sobre sua prática pedagógica, sobre como aprendemos e como ensinamos nos diferentes contextos educativos. A instituição escolar representa um meio para que entremos em contato com uma cultura determinada e o professor tem um papel definido como mediador na construção do conhecimento e na interação entre o indivíduo e a sociedade.

Nos apresenta o conceito de aprendizagem significativa onde reforça que aprender não se limita a memorizar, a copiar, a reproduzir, mas se estende ao aproveitamento dos conhecimentos

que já existem previamente, enriquecendo-os continuamente com novas aprendizagens e construindo significados próprios a partir das experimentações pessoais no contexto sócio cultural (COLL, 2006)

Esta construção permanente das aprendizagens envolve e pressupõe um trabalho de equipe que fomente projetos didáticos e interações interpessoais. Desta forma, formar bons profissionais na área da educação implica repensar aspectos relacionados não apenas aos cursos de formação inicial (licenciaturas), como também aspectos relativos à formação continuada, reuniões de trabalho pedagógico, prática em sala de aula, assim como as condições gerais de trabalho nas escolas e também planos de carreira e salários.

A EXPERIÊNCIA

Viver a experiência de construir objetivos, ver crescer uma equipe, modificar rumos, orientar crianças, adolescentes e adultos, conviver com professores, alunos, pais e funcionários de uma instituição de ensino, durante quase cinco anos, foi uma grande oportunidade para alimentar esperanças de que o caminho da educação representa a possibilidade da melhoria da qualidade de vida para um planeta que agoniza e confirmar as convicções de que esse é um campo de trabalho onde, ao mesmo tempo que ensinamos, aprendemos e crescemos.

Rever cada passo dado nesse cenário depois de quase 16 anos, nos mostrou que continuar o trabalho em outras instituições vem merecendo uma avaliação permanente dos erros e dos acertos, ao mesmo tempo, que nos ofereceu a oportunidade de agradecer pela parceria.

O relato visa apresentar não só nossa trajetória como assessora psicopedagógica de um grupo de professores e funcionários da administração de um curso de línguas na cidade de João Pessoa, na Paraíba, durante o período de maio de 1998 a dezembro de 2002, mas, sobretudo, o caminho das aprendizagens vivenciadas nessa convivência.

Esta instituição administrava aulas de inglês e espanhol e tinha como objetivo principal o a construção do conhecimento e das relações interpessoais através do ensino de idiomas. Na época a instituição tinha como slogan “Você cidadão do mundo”.

O principal objetivo do trabalho foi criar um espaço de discussão permanente sobre a aprendizagem e a construção de conhecimentos sobre a língua estrangeira, a aprendizagem de procedimentos que ajudam o indivíduo a intervir na realidade, a participar e cooperar nas ações humanas e a saber agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Assim, a proposta de um trabalho com os professores de um curso de línguas estrangeiras,

foi pensada com base no seu papel como educadores de crianças, adolescentes e adultos e como mediadores na construção de conhecimentos que permitiam a formação de cidadãos do mundo.

O ponto de partida foi a dimensão pedagógica da abordagem comunicativa que tem suas premissas teóricas pautadas em uma perspectiva onde a aprendizagem se realiza em um processo de construção interativa e em um momento social e histórico. Ela exige que nos coloquemos frente ao outro redimensionando a nossa própria imagem e facilitando a construção de novas representações sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Importante ressaltar que o comportamento dos professores, além de servir de modelo para os alunos, é significativamente relevante na construção de conceitos e valores que formarão o cidadão de hoje, do futuro, daqui e do mundo.

Pensando a partir dessa perspectiva, acreditávamos ser fundamental que o professor, dominasse seu objeto de conhecimento (a língua estrangeira), mas que também fosse competente na sua forma de pensar, de sentir e de agir, posto que uma prática educativa dirigida à formação integral de todos os envolvidos, implica, necessariamente, em uma forma de ensinar que possibilite e respeite as diferenças que a realidade da sala de aula nos mostra.

A própria proposta pedagógica do curso exigia uma verdadeira participação dos alunos e uma organização do ambiente da sala de aula que favorecia um atendimento personalizado, isso mesmo antes da utilização dos recursos dos computadores. As aulas aconteciam com momentos de exposição para o grande grupo, utilizando diferentes recursos didáticos, atividades de discussão e culminavam muitas vezes com apresentações individuais, além das atividades de casa que objetivavam a revisão dos conteúdos apresentados em sala.

Todos os professores antes da sua contratação participavam de um processo de treinamento que tinha também um caráter seletivo. Como a proposta da abordagem comunicativa implicava em uma atitude participativa, criativa e inovadora, muitos candidatos apresentavam resistência às mudanças impostas por esta prática pedagógica. Ao final, os professores selecionados, continuavam recebendo apoio e treinamento por parte da coordenação pedagógica da instituição, além de um suporte da própria sede em São Paulo.

A preparação das aulas exigia do professor flexibilidade para adequação dos conteúdos aos alunos e criatividade na formação de estratégias capazes de responder às necessidades específicas das diferentes faixas etárias e níveis do conhecimento da língua estrangeira. Os livros utilizados pelos professores e alunos vinham da sede da instituição em São Paulo.

A instituição também desenvolvia projetos extracurriculares com diferentes objetivos, tanto de integração social entre os alunos das diversas turmas, quanto desses alunos com a comunidade da cidade de João Pessoa.

Ao longo do nosso trabalho de formação dos professores, no entanto, as ações desenvolvidas foram demonstrando a necessidade de ampliarmos os espaços de discussão para os demais funcionários da escola, uma vez que suas atividades representavam também uma ação pedagógica.

Fundamentado na perspectiva histórico cultural, o trabalho com os professores tomou como ponto de partida as relações interpessoais dos espaços internos e as situações do cotidiano da sala de aula, e espaços externos, situações do cotidiano da família, da cidade, do estado, do país e do mundo, ampliando, conseqüentemente, a discussão sobre a sua prática profissional.

As reuniões com toda equipe de professores, a coordenação pedagógica e muitas vezes com o próprio diretor, ocorriam inicialmente mensalmente, durante a tarde da última sexta feira do mês, quando os professores eram liberados das atividades com os alunos. Posteriormente, em algumas situações, realizamos reuniões quinzenais com os professores e outras com os funcionários.

Estes encontros ocorriam, a partir de uma reunião feita com a coordenação pedagógica, alguns dias antes, onde eram levantados os pontos analisados e avaliados como fundamentais para a melhoria das relações entre os professores e entre eles e os alunos.

Durante todo o trabalho foram realizadas aproximadamente 80 encontros regulares e outros extraordinários, além de palestras para os pais e alguns encontros com os monitores da sala de recursos onde além da disponibilidade de filmes e livros para os alunos, era o local onde ocorriam os apoios pedagógicos destes monitores para os alunos com algumas dificuldades e as pesquisas nos computadores.

No princípio, foi possível observar uma certa resistência por parte de todos os integrantes da instituição com relação ao trabalho em grupo, uma vez que ele pode representar um espaço para a exposição dos nossos pontos fracos e fortes.

As atividades desenvolvidas nos grupos dos professores, dos funcionários e dos monitores, se enquadravam sempre em uma temática específica que muitas vezes se repetiam até que esgotássemos as discussões. Foram temas das reuniões:

- a escolha da profissão de professor e a função que ele tem dentro e fora da sala de aula;
- avaliação das mudanças necessárias em si mesmo, nos companheiros de trabalho e na

instituição;

- a atitude de cooperação e a competição no espaço de trabalho educacional;
- o comportamento ético na prática do educador com os alunos, os companheiros de trabalho e com os pais;

- os sentimentos e as emoções como elementos fundamentais da prática pedagógica;
- o compromisso do educador com a instituição, com os alunos e pais e consigo mesmo;
- os questionamentos necessários e as mudanças de paradigmas e das representações

sociais;

- a nossa preparação para responder aos questionamentos dos nossos alunos;
- a informação e a formação dos valores na contemporaneidade;
- a desmotivação e o desinteresse como característica do comportamento de crianças,

adolescentes e adultos;

- a auto estima em tempos de culto a perfeição;
- a construção da autonomia e da maturidade;
- a maturidade pessoal e a maturidade profissional;
- a importância da palavra e do contexto onde ela dita;
- a escuta como elemento fundamental no aprofundamento das relações sociais;
- as ações do cotidiano e a criatividade para mudar a rotina;
- ampliar nossa consciência na discriminação de valores, posturas, crenças, no nosso

diálogo interno, na relação com o grupo, com o social, enfim, com a nossa própria existência no mundo;

- os comportamentos dos alunos e dos pais;
- a formação da identidade em crianças, adolescentes e adultos;
- as questões sociais e sua influência no comportamento de professores, alunos e pais;
- a liderança na prática educacional;
- a organização do trabalho social e do voluntariado;
- a mentira e a verdade como comportamentos recentes na prática educacional;
- as habilidades da pessoa considerada emocionalmente inteligente, ligadas à inteligência

intrapessoal e interpessoal;

- a participação de todos da equipe nas campanhas institucionais;
- diferentes técnicas de atendimento para os diferentes tipos de clientes da instituição;
- as satisfações e as insatisfações com relação ao grupo;

- a avaliação como instrumento educacional;
- o bom e o mau humor no ambiente de trabalho;
- o prazer na prática profissional;

Foram convidados também outros profissionais da área de saúde, de biodança, de filosofia e de pedagogia que usaram o tempo das reuniões das sextas feiras para proferir palestras e fazer atividades práticas.

Importante destacar as características do grupo de professores de língua estrangeira que, na sua maioria, era composto de jovens estudantes das universidades, alguns deles do curso de Letras, que haviam morado no exterior e alguns nativos fora do Brasil. Para muitos deles, aquele trabalho não era o foco principal da sua vida profissional, mas ao longo da nossa caminhada, foi interessante acompanhar o fascínio que a prática pedagógica exerceu sobre alguns deles que chegaram a mudar de curso e outros, já em processo de conclusão da sua formação, optaram por uma pós graduação ou mesmo um mestrado na área da educação.

Muitos dos trabalhos apresentados por esse grupo de professores em eventos externos foram premiados e mereceram destaque no cenário do ensino da língua estrangeira no país.

O mais marcante de toda essa experiência foi perceber o respeito e o prestígio que todos os envolvidos tiveram por parte da instituição e a presença marcante que cada um deixou ali. Além disso, o resultado nos mostrou que “ser cidadão do mundo” é papel que permanece no coração e mentes de quem se propõe a isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Z. A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- COLL, C. O construtivismo em sala de aula. São Paulo: Ática, 2006.
- CORTELLA, M. S. A Escola e o Conhecimento. Sitora, 1998.
- D’AVILA, C.; VEIGA, I.P.A (orgs.). Didática e docência na educação superior. Campinas, SP: Papyrus, 2012.
- MASSETO, M. T. Competências Pedagógicas do professor universitário. Ed.Rev. São Paulo, Summus, 2012.
- OLIVEIRA K. M.; REGO T. C.; SOUZA, D. T. R. (org.). Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.
- PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SALVADOR, C. (et al). Psicologia do ensino. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- VILARINHO, L. R. G. Docência no ensino superior: trocando saberes, desconstruindo mitos, conscientizando-se da necessidade de mudança. Methodus – Revista Científica e Cultural: RJ, Universidade Estácio de Sá, ano 3, nº 4, out/dez, 2000.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5ªed. São Paulo (Brasil): Martins Fontes, 1996.
ZABALA, A. A Prática Educativa. Porto Alegre: Artmed, 1998.